

ABIEF discute transição rumo à Indústria 4.0 e a um setor mais sustentável

Por Liliam Benzi*

Um dos temas mais pulsantes do momento é, sem dúvida, Indústria 4.0. Atenta a este movimento do mercado, a ABIEF dedicou uma parte de seu último Café da Manhã de 2017, realizado em novembro, ao tema. Segundo Ronald Martin Dauscha, do Instituto Fraunhofer e diretor do Liaison Office Brasil, a base do conceito reside na ampla digitalização dos negócios. “É uma integração vertical na qual os talentos são fundamentais. Tanto que a área de Recursos Humanos deverá mudar seu foco: a busca não é mais pelo trabalho físico, mas pelo trabalho intelectual”. Assim, haverá menos colaboradores nas áreas diretas (fábrica) e mais nas áreas indiretas (design, planejamento, interpretação de dados, etc).

Também será desafio para a área de RH, capacitar adequadamente executivos e gestores; formar “CdOs” (Cabeças de Operações) com novos métodos e tecnologias; e transferir talentos para atividades de manutenção e serviços (realidade aumentada).

É preciso ainda saber que as estratégias rumo à Indústria 4.0 devem permear todos os setores da empresa, do planejamento à logística. “Mas antes deve-se entender onde a empresa está, além de ser fundamental ter maturidade, visão e missão para o ciclo de progressão fluir.” Neste cenário, Dauscha citou a matemática da indústria, ou seja, uma metodologia que modela os processos industriais, matematicamente, a partir de fórmulas.

Além deste conceito, o especialista listou algumas mudanças de paradigmas:

- o futuro da educação é *learning by doing*;
- automação e inteligência artificial criarão empregos;
- em 2020, 85% das interações com clientes será através de máquinas e esta será uma das formas de se diferenciar dos concorrentes;
- 75% dos *millennials* consideram a comunicação por mensagens de texto uma opção de relacionamento com o cliente e com duas vezes mais chances de fidelizá-los;
- 30% dos *millennials* não possuem o ícone do telefone na tela principal dos seus smartphones;

- vamos mudar a lógica de "vender carros" para "vender serviços de mobilidade";
- as pessoas aprenderão dentro de uma lógica de "*nano-learning*" e não de um longo investimento em educação para usar somente um percentual mínimo daquilo que se aprende; todos terão um portfólio de trabalho que será nano-desenvolvido;
- robôs serão considerados uma opção de força de trabalho;
- em poucos anos todos trabalharão para aprender, ao invés de aprender para trabalhar.

Dauscha está certo que a digitalização é inevitável e que o potencial da Indústria 4.0 reside em:

- atender aos requisitos dos consumidores individualmente, da matéria-prima ao cliente;
- marketing digital;
- flexibilidade (configuração dinâmica dos processos de negócio);
- otimização das tomadas de decisão (cada vez mais autônomas);
- transparência de toda a cadeia em tempo real;
- recursos produtivos e eficientes (otimização contínua);
- oportunidades para novos serviços como Big Data e algoritmos inteligentes;
- indústrias com altos salários e ainda competitivas;
- novos negócios e serviços em constante geração criativa;
- rastreabilidade e Economia Circular.

O Café da Manhã da ABIEF também foi dedicado à discussão de outro assunto pulsante: a sustentabilidade do setor. Norteada pelo conceito de Ciclo de Vida, a consultoria ACV Brasil apresentou o projeto "Inventário brasileiro para o setor de transformação de plástico". Basicamente, o projeto prevê o desenvolvimento de uma base de dados de desempenho ambiental, compatível com bibliotecas internacionais de Inventários do Ciclo de Vida (ICV), para a cadeia de transformação de plásticos no Brasil.

Como explicou Ricardo Dias, mestre em sistemas sustentáveis, o projeto busca atender a três principais demandas do setor: prover informações ambientais relevantes, atuais, e representativas acerca dos processos de transformação de plástico; resguardar a competitividade da indústria de plásticos frente aos mercados internacionais; e estabelecer indicadores para benchmarking na transformação de plásticos. A ABIEF, juntamente com outras entidades setoriais, apoia o projeto desde sua 1ª fase, em 2016.

Ainda no tema meio ambiente, a Eco Ventures, representada por seu Chief Operatinal Officer Latin America, Sidinei Teixeira Leite, apresentou o aditivo para plásticos para biodegradação Go Green P-

life. O processo de degradação é relativamente simples: devido a uma alteração em sua estrutura, o material descartado torna-se higroscópico, favorecendo a cultura de micro-organismos. Sob condições severas, esta degradação pode ocorrer após cerca de 180 dias.

Sidinei lembra que a empresa iniciou suas atividades no Brasil com o aditivo biodegradável Go Green P-life, na base polietileno (PE), para o desenvolvimento de sacolas plásticas biodegradáveis. "Isto porque a principal matéria-prima utilizada na fabricação dos filmes flexíveis é o polietileno, cujo tempo de degradação pode chegar a 200 anos. Com a aditivação, este tempo, a partir de uma degradação homogênea, cai para quatro anos."

Já está em desenvolvimento um aditivo para ráfia biodegradável, cujo tempo de degradação está estimado em 4 anos. Com a parceria da Copobras, a Eco Venture também está trabalhando no desenvolvimento de um poliestireno expandido (EPS) degradável. O produto teste é uma bandeja. Neste caso, o tempo estimado de degradação é de 16 anos, contra 900 anos que levaria para a degradação natural.

****Lilium Benzi atua no mercado de embalagens há 25 anos como especialista em comunicação e desenvolvimento de negócios e estratégias para o setor pela LDB Comunicação Empresarial. Também é editora de publicações e Assessora de Comunicação de diversas empresas e entidades da área, como a ABIEF - ldbcom@uol.com.br.***